

## OS PAYAYÁ E AS MISSÕES NO SERTÃO DAS JACOBINAS (SÉC. XVII)

Sólon Natalício Araújo dos Santos\*

**RESUMO:** *Este trabalho visa resgatar os aspectos culturais e a trajetória histórica de uma etnia até então pouco estudada, que consistiu em uma verdadeira “muralha humana” que, durante o século XVII, resistiu ao movimento de expansão e ocupação colonizadora das terras do interior da Capitania da Bahia, em específico do sertão das Jacobinas. A área cultural dos payayá correspondia à região central da Capitania da Bahia, limitada ao norte e a oeste pelo Rio São Francisco, ao sul pelo Rio de Contas e a leste pelo vale do Paraguaçu, onde viviam em contato com diversos outros grupos indígenas. Entre os agentes coloniais que se destacam pelo contato com os payayá, estão os missionários, principalmente os da Companhia de Jesus. A documentação que vem sendo pesquisada inclui documentos de cunho administrativo e alguns estudos sobre a História da Bahia publicados nos Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia, nas Memórias Históricas e Políticas da Bahia do Cel. Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, e nas séries Coisas da Baía e Documentos Históricos da Biblioteca Nacional. O estudo desta documentação tem possibilitado identificar as principais características da cultura payayá e analisar os discursos e representações que os agentes coloniais (autoridades, missionários e colonos) fizeram a respeito desta etnia.*

**Palavras-chave:** Payayá; Colonização; Jesuítas.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho, desenvolvido como parte do projeto “Os Jesuítas e os Sertões no século XVIII: aldeamentos e política missionária”, visa resgatar os aspectos culturais e a trajetória histórica de uma etnia até então pouco estudada, que consistiu em uma verdadeira “muralha humana” que, durante o século XVII, resistiu ao movimento de expansão e ocupação colonizadora das terras do interior da Capitania da Bahia, em específico do sertão das Jacobinas, “terreno vastíssimo composto de serras altíssimas, e extensas em partes, quando em partes, tem planícies imensas, e terras menos altas” (VILHENA. 1969, p. 561). Região esta que, segundo Afonso Costa, tornou-se conceito de “tudo quanto se contasse fóra do recôncavo e do litoral”, “um nome opulento de grandezas e de misérias...” (COSTA, 1916, p. 252) por seus metais e índios bravos.

### OS PAYAYÁ - TRAJETÓRIA HISTÓRICA

A área cultural dos payayá correspondia à região central da Capitania da Bahia, limitada ao norte e a oeste pelo Rio São Francisco, ao sul pelo Rio de Contas e a leste pelo vale do

---

\* Aluno do curso de História do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: [solonnatalicio@bol.com.br](mailto:solonnatalicio@bol.com.br). Pesquisa desenvolvida mediante bolsa concedida pelo Programa Institucional de Iniciação Científica da UNEB. Orientador: Fabrício Lyrio Santos, Mestre em História Social pela UFBA, professor de História do Brasil e da Bahia do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. E-mail: [fabriciolyrio@yahoo.com.br](mailto:fabriciolyrio@yahoo.com.br).

Paraguaçu, onde viviam em contato com outros diversos grupos íncolas, entre os quais, os sapóia e os maracás, formando juntos a sub-família dos Maracanaçu (grande nação dos Maracás). Linguisticamente, eles faziam parte da família Kariri e seqüencialmente do tronco Macro-Jê. Segundo Carlos Ott, com base em alguns achados arqueológicos encontrados na superfície da área cultural da família Kariri, os payayá são classificados como caçadores-coletores tornados agricultores, fabricantes de ferramentas e cerâmica, possuindo assim características seminômades. Em sua obra *As culturas pré-históricas da Bahia: a cultura material*, Ott aponta vestígios de artefatos de sílex, nefrite e jadeite como lascas, machados, pontas de lanças e de flechas, além de cachimbos de madeira, urnas e cerâmicas decoradas. Não obstante, os payayá cultivavam várias plantas como o milho, a mandioca, o aipim, o feijão, a batata doce, o cará, o amendoim e a abóbora, além de caçarem veados, porcos do mato, cascavéis e coletarem umbu, mandacaru, xiquexique e mel de mandassaia.

Os payayá também acrescentavam o peixe à sua alimentação. Eles tinham o costume de invadir a região do Recôncavo para a pesca da tainha que, depois de salgada e triturada, gerava uma farinha de peixe, que, quando misturada com a farinha de mandioca, tornava-se essencial para a sua subsistência no sertão, principalmente durante os períodos de secas prolongadas e de guerras, posto que ela durava meses. Por conseguinte, percebe-se que tais freqüências ao litoral tratava-se também de incursões de guerra contra os grupos Tupis. Daí a fama dos payayá de terem sido grandes guerreiros. Por sua vez, tudo isso demonstra que os payayá, ou melhor, os grupos da família Kariri, apresentavam um notável desenvolvimento técnico e cultural.

Os primeiros contatos entre os payayá e os agentes coloniais, possivelmente, ocorreram entre o final do século XVI e início do século XVII, por meio da expansão curraleira e das expedições de João Coelho, Gabriel Soares de Sousa e Belchior Dias Moréia pelo sertão, em busca da nascente do Rio São Francisco e de metais e pedras preciosas. Vale ressaltar que desses primeiros encontros vieram também as primeiras animosidades, que só tenderam a crescer devido à ocupação do Recôncavo pelo cultivo da cana de açúcar e do fumo e à invasão das terras do “sertão de dentro” pelo gado e pelos sesmeiros com os seus vaqueiros.

Por não quererem entregar suas terras ao gado, ou também, por pretenderem desfrutar dele contra a vontade dos donos, principalmente os Senhores da Torre, muitas guerras foram movidas contra as tribos da sub-família dos Maracanaçu. Além disso, o costume dos Kariri de se deslocarem para o litoral em busca de suprimento alimentar (farinha de peixe), acabou motivando os ataques constantes e ferrenhos dos colonos a seus territórios, já que agora aqueles encontravam barreiras nas roças, engenhos e fortes construídos ao longo do vale do Paraguaçu.

Entretanto, o fator que provocou os maiores transtornos aos índios foi a busca das minas pelos paulistas e mamelucos, posto que isto promoveu a penetração constante da área cultural dos Kariri-Sapoiá, dos Maracás e dos Payayá.

É importante dizer que, para garantir a segurança dos empreendimentos do projeto colonizador, a Coroa e as autoridades locais passaram a adotar as políticas de “limpeza dos campos” (extermínio total) e os aldeamentos, ou seja, o confinamento dos povos indígenas a espaços reduzidos e definidos, resultando disso, então, a liberação das terras do sertão das Jacobinas e os acessos à mão-de-obra compulsória e ao auxílio militar dos índios da família Kariri. E assim, muitos grupos payayá acabaram sendo conduzidos, no século XVII, para aldeamentos em Cachoeira, no Paraguaçu - Pedra Branca e Caranguejo - e em Jaguaripe (DANTAS, 1992, p. 432), para servirem de “muralhas do sertão”.

Outros agentes coloniais que devem ser destacados pelo contato com os payayá são os missionários, principalmente os da Companhia de Jesus. Uma das entradas organizadas por estes religiosos ocorreu por volta de 1656, sendo liderada pelo Padre Rafael Cardoso. Passou pelas serras das Jacobinas e visitou os sapoiá e os payayá. Além dessa, houve as expedições de 1666, chefiadas pelo padre Jacob Roland e pelo teólogo João de Barros, que fundaram a Missão de

Jacobina (São Francisco Xavier) na aldeia dos sapoiá, e a redução dos payayá, em 1675, pelo missionário Antonio de Oliveira que, para evitar as intervenções dos grandes sesmeiros João Peixoto Viegas e Antonio Guedes de Brito, desceram para a aldeia de Serinhaem (São Miguel e Santo André) em Camamu (CALDAS, 1951, p. 54).

Nota-se, portanto, que, a partir dos contatos dos colonos luso-brasileiros com os payayá, estes passaram a ser identificados em dois planos culturais do projeto colonial: o dos tapuias, acossados pelos curraleiros e exploradores, denominados “índios do corso”, os quais acabaram exterminados nas Guerras do Recôncavo; e o dos gentios aculturados, os chamados “caboclos”, que preferiram alinhar-se aos colonizadores, servindo tanto aos colonos e sesmeiros quanto aos missionários.

Uma última nota é a de que, diferente dos tupis, os grupos da família Kariri não tiveram as suas manifestações culturais e ideológicas recolhidas por cronistas. Entretanto, o que nos restou foi um relato do Padre Antonio Pinto, o *Sexennim Litterarum 1651-1657* (apud LEITE, 2000, p. 270-283), no qual são descritos alguns usos e costumes da cultura payayá, tais como o culto a Eraquizã, a submissão aos Visamus, o ritual de endocanibalismo, a aparência dos índios e da aldeia e os preparativos e comportamento nas guerras.

Os objetivos desse estudo são, portanto, descrever as características da cultura (material e imaterial) dos payayá e analisar os discursos e representações que os agentes coloniais (autoridades, missionários e colonos) fizeram a respeito desta etnia. Para tanto, dentro de uma perspectiva etno-histórica, faz-se necessário o uso das documentações de cunho administrativo (cartas, ordens régias, alvarás, regimentos, pareceres, registros e inventários) e do que foi registrado pelos missionários e suas ordens religiosas. Alguns daqueles documentos encontram-se publicados nos Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia e Documentos Históricos da Biblioteca Nacional, séries então disponíveis no Centro Cultural Edmundo Isidório dos Santos da cidade Jacobina, as quais estão sendo levantadas e catalogadas. Estes são, enfim, os resultados de uma pesquisa que ainda se encontra em andamento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulo de história colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5<sup>o</sup> ed. - Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

CALDAS, José Antônio. **Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu Descobrimento até o Presente Ano de 1759**. Ed. fac-similar. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951.

CALMON (Moniz de Bittencourt), Pedro. **História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros**. 3<sup>o</sup> ed. – Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições Populares da Pecuária Nordestina**. Coleção Nordeste em Evidência. Recife: Ed. ASA, 1985.

COSTA, Afonso. **Jacobina Minha Terra, de antanho e de agora**. – Anais do 5<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Geografia, vol-II (1916).

DANTAS, B. et alli. **Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: Um Esboço Histórico**. In CUNHA, Manuela (org). **História do Índio no Brasil**. 2<sup>o</sup> ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**: História da Província Santa Cruz (séc. XVI). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V. Edição Fac-símile Comemorativa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

OTT, Carlos. **A Distribuição tribal e Geográfica dos Índios Baianos**. Revista Cultura – O Índio na Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1988

\_\_\_\_\_. **As culturas pré-históricas da Bahia: a cultura material**. Salvador: Bigraf, 1993. v.1.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **De como se obter mão-de-obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII**. Revista História. São Paulo, n.129-131, p. 179-208, ago-dez./93 a ago-dez./94.

\_\_\_\_\_. **Os Kiriri Sapuyá de Pedra Branca**. In: Revista do Centro de Estudos Bahianos. Salvador: UFBA, 1985.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23 ed – São Paulo: Brasiliense, 1997.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão. Nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Hucitec-EDUSP; FAPESP, 2002.

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. 2º ed – Rio de Janeiro: Editora Revan, 1987.

\_\_\_\_\_. **O índio na História do Brasil**. São Paulo: Global Ed, 1983.

SEBE, José Carlos. **Jesuítas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, Cel. Ignácio Accioli de Cerqueira e. **Memórias históricas e políticas da província da Bahia**. Salvador: Imprensa Oficial, 1940. 6v.

VALPATO, Luisa Rios Ricci. **Entradas e bandeiras**. 4º edição. São Paulo: Global, 1994.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. Tomo II. 5º ed. [s.l.]: Ed. Melhoramentos, 1956.

VASCONCELOS, Simão. **Crônica da Companhia de Jesus**. 3º ed. – Petrópolis: Vozes/Brasília; INL, 1997.

VILHENA, Luiz dos Santos. **A Bahia do Século Dezoito**. Vol. III Notas e comentários de Braz do Amaral. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.